

## **OS ECOS DO ENCONTRO NO PSICOTERAPEUTA: AUTENTICIDADE, ALTERIDADE E ÉTICA NA GESTALT-TERAPIA**

### ***ECHOES OF THE ENCOUNTER IN THE PSYCHOTHERAPIST: AUTHENTICITY, ALTERITY, AND ETHICS IN GESTALT THERAPY***

Morgana Ferraz Coelho Rodrigues<sup>1</sup>

Victor Johne Freitas Pacheco<sup>2</sup>

#### **RESUMO:**

Esta pesquisa abordou algumas das implicações que perpassam a experiência subjetiva do psicoterapeuta no processo clínico, a partir da Gestalt-terapia. Discute-se como o campo relacional, o vínculo, o movimento do self e a relação dialógica, e suas consequências, influenciam a experiência do psicólogo no processo terapêutico. O objetivo desta pesquisa foi analisar de que maneira a presença, a disponibilidade, a autenticidade e a consciência ética do terapeuta influenciam nos acontecimentos da clínica, possibilitando a emergência de experiências de contato e a oportunidade de reorganização do cliente. A metodologia consistiu em uma pesquisa teórica fundamentada na revisão bibliográfica narrativa dos temas principais, articulados conceitualmente com os pressupostos humanista-existencial fenomenológicos. As discussões levantadas evidenciam a atuação do psicoterapeuta enquanto de natureza complexa e multifatorial, moldada pela relação entre o eu e o não-eu e entre o eu-campo, centralizada na escuta e presença empática. Sendo impossível desconsiderar o psicólogo enquanto agente subjetivo e fator implicativo no campo, é necessário, ao pensar sobre a atuação clínica, contemplar também os efeitos que a relação evoca no profissional. A subjetividade do terapeuta não representa um obstáculo técnico, mas sim um recurso clínico essencial que, quando mobilizado com ética e uma percepção clara de si, fortalece o encontro, amplia a potência transformadora da psicoterapia e reafirma o caráter co-construído do processo terapêutico.

**Palavras-chave:** Papel do psicólogo; Gestalt-terapia e Relação Dialógica.

#### **ABSTRACT:**

This research addressed some of the implications that permeate the subjective experience of the psychotherapist in the clinical process, from a Gestalt therapy perspective. It discusses how the relational field, the therapeutic bond, the movement of the self, and the dialogical relationship, and their consequences, influence the psychologist's experience in the therapeutic process. The aim of this research was to analyze how the therapist's presence, availability, authenticity, and ethical awareness

influence clinical events, enabling the emergence of contact experiences and the opportunity for client reorganization. The methodology consisted of theoretical research based on a narrative literature review of the main themes, conceptually articulated with humanistic-existential phenomenological principles. The discussions raised highlight the psychotherapist's role as complex and multifactorial in nature, shaped by the relationship between the self and the non-self and between the self and the field, grounded in empathic listening and presence. Since it is impossible to disregard the psychologist as a subjective agent and an implicating factor in the field, it is necessary, when thinking about clinical practice, to also consider the effects that the relationship evokes in the professional. The therapist's subjectivity does not represent a technical obstacle but rather an essential clinical resource that, when mobilized ethically and with a clear self-awareness, strengthens the encounter, amplifies the transformative power of psychotherapy, and reaffirms the co-constructed nature of the therapeutic process.

**Keywords:** Psychotherapist's role; Gestalt-therapy; Dialogical Relationship.

## 1. INTRODUÇÃO

A Gestalt-Terapia constitui uma vertente de atuação na Psicologia que se fundamenta amplamente nas correntes filosóficas humanistas-existenciais fenomenológicas, formalmente desenvolvida e apresentada ao mundo acadêmico em 1951 por Perls, Goodman e Hefferline. Em contrapartida, aos movimentos acadêmicos da época, que voltavam o olhar científico para o sujeito e seu processo de subjetivação de forma mais determinista, a Gestalt, embasada na psicologia humanista, via um ser de tempo presente no homem, com intrínsecas capacidades atualizantes. Um ser que, em sua natureza, é mutável (Frazão, 2013).

Para Perls, o tempo presente é chave essencial no processo terapêutico, é nele que o sujeito (re)vive eventos anteriores, de forma autêntica e em primeiro plano (no aqui e agora), a fim de que sejam plenamente reconhecidos e abordados. Assim, a Gestalt se apresenta como uma abordagem que destaca e entende o sujeito como um ser singular-variante que só existe no presente (Yontef, 1998).

Na concepção da abordagem: é no aqui que recordo, sinto e significo memórias, é no agora que reconheço minhas vontades e projeto o momento de saciá-las. Não há viver no ontem, há o manejo dos ecos e a essência das lembranças, estas somente existentes quando recordadas no aqui. É impossível agir no amanhã, o tempo futuro nada mais é do que conjunturas e expectativas fundamentadas em vontades e desejos efêmeros, impossíveis de se experienciar até que aconteçam, logo deixando de ser futuro. Quando o amanhã chega, este se transforma no agora e quando o próximo momento se faz presente, o depois se torna antes e vira passado. A experiência de existir só pode ser feita no aqui-e-agora.

Ao viver no presente, é irrevogável que o sujeito entre em contato com os objetos que circulam em seu campo temporal. É na conexão entre as delimitações do eu e

do não-eu que o indivíduo irá se (re)formular. Na experiência que ocorre fora do eu, o sujeito é verbo ao encontrar-se múltiplas vezes com a alteridade, ou seja, o “[...] homem está constantemente fora de si mesmo, projetando-se e perdendo-se fora de si, ou seja, fazendo-se existente” (Holanda, p. 148, 2014).

Recorte de um espaço-tempo cultural, o ser humano é executor de ações e coexiste com o mundo externo e seus diversos agentes, abordando-se um processo de subjetivação, transformações e trocas mútuas. A relação do sujeito com o meio não se dá meramente por uma questão de subsídio, é interdependente e holística. É no mundo que o indivíduo buscará saciar suas vontades e necessidades, identificando, assimilando e significando o que vem de fora, do outro, ao mesmo tempo em que é ele o artista que constrói e sustenta este sistema. Este movimento de falta e busca, produção e colheita, criação e remate, garante ao organismo (sujeito) a sua integração com o meio, enquanto constituinte do mesmo (Perls, 2002; Frazão; Fukumitsu, 2014).

Sendo assim, o sujeito só o é quando em relação, existe somente ao se conectar com o estranho no *entre* espaços. É por esse processo sinérgico que a subjetividade se forma, essa sendo nada além dos contornos do outro dentro do eu, advindos das constantes trocas e processos dialógicos de ressignificação. A ação de existir é ser-com, oriunda única e exclusivamente das relações humanas; a filosofia humanista irá tratar do homem enquanto *ser no Outro*, criticando uma noção do “eu” erroneamente interiorizada. Se a percepção de mundo do indivíduo existe graças aos significados construídos e advindos de suas relações, a identidade de uma pessoa nada mais é do que os resultados de uma vida dialógica no inter-humano (D’acri; Lima; Orgler, 2007; Holanda, 2014).

Se tudo o que somos existe a partir do outro, com o outro e para o outro, nada do que habita em nós é inédito em sua constituição, ainda que se apresente enquanto novidade para o indivíduo. Ao definir e demarcar o “eu” a partir das trocas relacionais, retiro do campo novos pedaços formativos e, ao fazê-lo, entrego ao não-eu (campo, outro) ecos de mim mesma. Uma vez ingerido, o *outro que habitará em mim* passa pelo processo mecânico e químico da “digestão”, onde meu corpo despedaça em átomos essa estranha substância e a transforma em essência nativa de meu organismo, até que não seja mais possível dissociar o outro de mim. Em um próximo momento, compartilharei com outrem um eco do *eu-outro* e, apesar de não saber sua origem, este eco agora assombrará o campo e seus agentes, em um eterno *eles-eu*. Ao introjetar, conscientemente ou não, o que fará em mim residência semipermanente, sou participante de um ritual tão antigo quanto o próprio ato de se relacionar: as reverberações do encontro.

As referências oriundas do campo e da trajetória pessoal são continuamente inter-relacionadas e ressignificadas em um processo de integração. Este processo de congruência é definido por Naujorks (2021) como correspondência identitária, sendo então a ação na qual o sujeito correlaciona e torna coerentes em si seus múltiplos referentes, ressignificando-os e a si mesmo. A mutabilidade e a

multiplicidade se tornam então características principais do que compreendemos enquanto identidade.

O processo relacional é incessante e síncrono às múltiplas vivências humanas, fazendo do sujeito um ser de encontros. A psicologia humanista trabalha com um amplo entendimento do ser humano, mais do que resultado de causa e efeito, uma pessoa é agente primário de questões e desafios, um homem responsivo nas reverberações do agora, existente e dependente de ação. Fala-se de um existir pautado na sensibilidade hermenêutica. Uma psicologia humanista não se enraíza em postulados teóricos, ela se firma em uma crença sobre a natureza humana de ser verbo no outro (Amatuzzi, 2010; Holanda, 2014).

D'acri, Lima e Orgler (2007) trazem que, para Perls, é nesse funcionamento intra-orgânico que surge o campo, este mais do que a soma da relação sujeito-meio, cindindo uma noção interno-externo. Ou seja, não há como dividir os conceitos de indivíduo e meio, já que é somente por sua confluência e mútua influência que o campo existe. Um sujeito se constrói a partir de referentes encontrados em seu ambiente, dispostos e apresentados por terceiros, ao passo que ele também será em algum momento o autor de novos referentes, tornando-se então um terceiro para outros.

Seguindo esta lógica, a percepção da realidade ocorre por uma falsa dicotomia onde existe o eu e o outro, quando, na verdade, o que há é uma relação dialógica e complementar. O conceito de fronteira desponta, ao mesmo tempo, enquanto limite e ponte de conexão do *eu* com o *não-eu*; este encontro ocorre no *entre* (Hycner, 1995; Frazão; Fukumitsu, 2013).

A concepção de um *entre* sujeitos é muito explorada nas obras de Hycner (1995), inspirada por Martin Buber, onde o mesmo é trabalhado enquanto dimensão ontológica ou dimensão inter-humana, que ocorre cada vez em que há um encontro genuíno entre indivíduo-indivíduo. O campo é então local material e imaterial onde existe e decorre, por meio da fronteira, o contato com o outro e com o meio. O contato e a fuga do mesmo são então os recursos pelos quais o sujeito interage com o desconhecido. Entende-se por desconhecido tudo o que existe fora dos limites do "eu" (Frazão; Fukumitsu, 2014).

São diversas as vertentes da psicologia que sorvem da base filosófica humanista-existencial, e entre elas se encontra a Gestalt-Terapia. É a partir das relacionalidades que a Gestalt fundamenta sua prática no encontro dialógico, no "entre" terapeuta-cliente e sujeito-campo, na mútua influência e no impacto dentro do campo relacional. Não é possível, então, delimitar a prática terapêutica às técnicas ou teorias restritas, é necessário compreender o psicólogo enquanto um *profissional do encontro*, que se utiliza da alteridade do outro como propulsora de reflexão e mudança do mesmo. É, assim, um processo que envolve a ressonância da alteridade do outro em nossa própria (Figueiredo, 1993; Cardella, 2002).

O encontro entre alteridades está marcado por paradoxos e desafios oriundos das relações humanas. Sendo o ser antes de tudo um sujeito em encontros temporais, tais questões estarão presentes independentemente da versão identitária usada no

contato, em específico a Gestalt trabalha uma noção mais experiencial da identidade, o Self. Nativos do processo vivo no *entre*, os mais diversos conflitos estão fadados a se repetir em toda e qualquer relação. A atuação psicológica se desenvolve sendo formada por estes conflitos. São nos paradoxos advindos da relação sujeito-terapeuta que o fazer psicológico se faz presente, são neles que a atuação psicológica toma forma.

Sendo o terapeuta um profissional do encontro e, antes de qualquer processo divisor identitário, um sujeito, e considerando o desenvolvimento do Self enquanto um movimento no *entre*, é possível alegar que a afetabilidade, que será precursora de mudanças no processo do cliente, é mútua. Forma-se aqui um campo problemático, onde se encontra a necessidade de aprofundar os atravessamentos que o encontro com o outro, esse cliente em uma relação profissional, tem no sujeito psicólogo.

Ao considerarmos a natureza complexa e o impacto recíproco que o *estar em relação* produz, é evidente a necessidade do psicólogo de atentar-se ao ecoamento da relação terapêutica nele, a fim de que separe o que lhe pertence e o que ressurge, do cliente, a partir do contato. É necessário que o psicoterapeuta se movimente em direção a entender a experiência do cliente a partir dos olhos do mesmo, ao mesmo tempo, em que pode entrar em contato com sua própria, delimitando-a e separando-a do outro.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa percebeu-se a escassez de materiais que trabalhavam o atravessamento das identidades dentro do setting terapêutico a partir do viés do psicoterapeuta. Considerando o Self enquanto ator vivo e em constante movimento, construindo e desconstruindo um "*si mesmo*", houve o questionamento: de quais formas o contato constante com a alteridade, que emerge no fazer psicoterapêutico, desafia a experiência do profissional psicólogo?

Este trabalho se justificou na relevância de compreender o efeito do outro na identificação de si do psicólogo e como este movimento impacta e fundamenta o exercício da profissão. Reconhecer o impacto da relação, do encontro, enquanto agente de co-construção do Self, esse de natureza mutável e alicerçado no "*entre*", contribui para a expansão de possibilidades da atuação profissional.

É crucial para a atuação psicoterapêutica que o profissional consiga realizar autoanálises, a fim de distinguir o que pertence a si e o que surge do outro. O movimento de distanciamento de temas ou sentimentos dentro do setting, em razão de questionamentos pessoais do terapeuta, retira do cliente a oportunidade de elaboração e debate.

Sendo assim, este artigo teve como objetivo a investigação dos atravessamentos vividos pelo psicoterapeuta gestáltico encontrados no contexto da atuação clínica. Para isso, foram analisados e discutidos, com base nos pressupostos humanistas-existenciais, três desafios centrais: (1) a transformação contínua via contato; (2) o mito da neutralidade e a necessidade de autenticidade; e (3) os princípios éticos que norteiam uma atuação gestáltica.

## 2. METODOLOGIA

Este artigo foi desenvolvido enquanto pesquisa teórica de natureza básica, a fim de aprofundar os efeitos do constante contato com a alteridade no âmbito profissional. Tal modalidade de estudo aprofunda fatos e acontecimentos, sem pretensão inovadora ou de aplicação prática de seus achados, em vez disso, estabelecendo fundamentos no campo teórico para outras formas de pesquisa (Marques, 2016).

Essa pesquisa delimitou, a partir de uma revisão narrativa de caráter bibliográfico, os conceitos de vínculo terapêutico e construção de Self enquanto base teórica para a discussão do impacto da relação com o outro na percepção e formação de si, e a repercussão desse movimento no profissional terapeuta. A metodologia narrativa trabalha na revisão de um tema de forma dialógica, gerando discussões e reflexões perante suas revisões teóricas, ainda que não se proponha a fazê-las de forma sistemática e empírica (Fernandes; Vieira; Castelhana, 2023). Já a revisão bibliográfica se desenvolve a partir de materiais existentes como repositórios, livros e revistas acadêmicas, visando analisar, discutir e muitas vezes atualizar conhecimentos, conceitos e teorias no campo estudado (Rezende et al., 2023).

Com base na revisão bibliográfica dos conceitos fundamentais, foram avaliadas, sob a perspectiva da Gestalt-terapia, as questões que instigam e permeiam a vivência e a prática do psicólogo no âmbito clínico. A escolha pela revisão narrativa surgiu a partir da possibilidade de abordar relacionalmente o tema escolhido, apresentando e levantando análises, debates e considerações acerca das inter-relações entre os padrões temáticos e os conceitos-chave dos materiais selecionados. Dessa forma, promovendo espaços exploratórios de aspectos subjetivos, próprios dessa prática profissional. A revisão narrativa se apresenta enquanto metodologia agregadora de valor acadêmico justamente por permitir um processo de produção científica crítica mais flexível e passível de articulações não sistemáticas (Fernandes; Vieira; Castelhana, 2023).

Para construção deste estudo foram utilizados artigos publicados em bases de dados e materiais disponíveis no site do Conselho Federal de Psicologia. Os materiais delimitados tiveram como fonte acervos digitais, acervos físicos e publicações periódicas, como SciELO Brasil, Pepsic e Google Acadêmico. Para a composição do referencial teórico buscaram-se artigos publicados na janela de tempo dos últimos dez anos, com exceção de livros de literatura e material base clássicos que variam do ano de 1995 a 2018. Enquanto suporte teórico, foram utilizados treze livros, nove artigos e dois documentos relacionados à conduta do profissional psicólogo. Os descritores empregados no levantamento foram: self, identidade, relação dialógica, Gestalt-terapia, humanismo, psicologia humanista, ética e humanismo-existencial. Foram incluídos artigos e livros de língua portuguesa e excluídos artigos que não trouxeram algum dos descritores previamente mencionados.

A análise consistiu na leitura flutuante e aprofundada do material, identificação de temas recorrentes relacionados aos desafios do terapeuta e síntese interpretativa à luz dos conceitos da Gestalt-terapia. A partir dos temas investigados foram

identificadas e estruturadas três categorias de desafios presentes no fazer do psicoterapeuta: o contato e a transformação a partir do mesmo, o mito da neutralidade e a importância da autenticidade na atuação clínica e os princípios de uma atuação ética Gestalt. A análise narrativa do material teórico propõe a discussão inter-relacional do processo que o Self do profissional percorre ao, inevitavelmente, transitar nas fronteiras sujeito-campo a fim de exercer seu Ser psicoterapeuta.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para a Gestalt-terapia o Self é melhor compreendido enquanto a experiência do contínuo movimento de contato entre organismo e meio, e a capacidade de adaptação do sujeito as necessidades e desejos experienciados e o ajustamento a partir deste, sendo mais uma função de campo do que uma teoria de subjetivação. É através do contato que o sujeito vive o Self, este agente de ação do contato. Tais experiências acontecem na fronteira de contato, que por sua vez se estrutura enquanto ponte entre as trocas organismo-ambiente (Robine, 2018).

É a partir da fronteira de contato que os vínculos entre sujeitos são construídos, é nesse processo de troca entre sujeito e meio que surgem as relações, e dentro do processo terapêutico não seria diferente. É nesse entre, na fronteira do eu e com o outro, no encontro das experiências do cliente com as do profissional, que a terapia toma forma (Tristão; Avellar; Neto, 2017). O setting terapêutico apresenta-se como o resultado da construção da relação cliente-terapeuta, englobando tanto o espaço físico do atendimento quanto a relação, o vínculo e a troca terapêutica (Frazão; Fukumitsu, 2014).

Na esfera clínica, só é possível trabalhar as demandas necessárias quando cliente e terapeuta constroem juntos uma relação afetiva de confiança e empatia, o vínculo terapêutico. Sendo o Self também uma ferramenta possibilitada através do entre, o mesmo se constitui junto ao campo, ativamente confrontando e reconstruindo seu entendimento de si e do outro. É na relação com o outro que o sujeito vive e experiencia o ser e o existir. O vínculo construído entre cliente e psicólogo é a base de qualquer intervenção psicoterapêutica, independente do campo em que toma forma. A relação dialógica se torna critério para a efetividade da atuação psicoterapêutica, porque é a partir dela que se estrutura o vínculo de confiança e empatia necessário para as trocas significativas na clínica. Uma relação dialógica se baseia no movimento intencional de presença e reconhecimento do outro enquanto sujeito integral, constituinte do campo e, também, intencionalmente presente para mim (Cardella, 2002; Conselho Federal de Psicologia, 2022).

Dado o caráter dinâmico do exercício psicoterapêutico, as mudanças e desafios inerentes dessas atuações descritas neste artigo são passíveis de ocorrer em qualquer área da prática profissional na qual o psicólogo se coloque enquanto um profissional do encontro. Considerando a natureza desta pesquisa e o tempo disposto para o seu desenvolvimento, foi necessário delimitar o âmbito da atuação

psicológica que seria palco do estudo, nos quais tais eventos e vivências ocorrem. A discussão dos desafios e atravessamentos será feita em três instâncias.

O primeiro desafio apresentado trata da singularidade inerente de cada encontro, do como esse fenômeno ocorre e porque é necessário que o psicólogo esteja ciente de que a atualização constante do ser é movimento presente na clínica. Sendo assim, serão exploradas ideias como “noção do eu”, o incessante movimento de ajustamento e adaptação do sujeito perante o meio, desafiando o profissional a permanecer presente e disponível para acolher o novo, desprovido de expectativas ou pré-julgamentos.

Na segunda sessão, será discutida a narrativa equivocada da neutralidade e o desafio do psicólogo em ter que construir uma relação autêntica com o cliente ao mesmo tempo que suspende, temporariamente, sua subjetividade. A criação e manutenção do vínculo, junto à qualidade do processo terapêutico, só ocorrem quando há uma troca dialógica entre os sujeitos, essa, somente possível quando presença autêntica. A partir dos pressupostos gestálticos, o encontro na clínica, por parte do terapeuta, é, essencialmente, um mergulho no desconhecido. Para poder adentrar o mudo do outro, sem se perder de si, o profissional necessita ter, paradoxalmente, uma noção de identidade bem estabelecida e flexível ao encontro.

Por último, foi levantado um questionamento em torno da conciliação dos princípios éticos da atuação clínica profissional e a ética do psicoterapeuta gestáltico, em seus direcionamentos e tomadas de decisões. Nesse tópico, mais do que a apresentação de um tema, ganha espaço para debate acadêmico as orientações teóricas e éticas que fundamentam a prática e como estas entremeiam-se à vivência clínica, apresentando dilemas que irão exigir do profissional uma atuação presente, intencional, autêntica e responsável, para com seu cliente e o processo do mesmo.

### 3.1 Contato e transformação

Enquanto verbo, o ser é movimento regenerador, adaptando-se constantemente aos estímulos com os quais se defronta. É a partir destes encontros e deslocamentos que o sujeito entende o mundo e se percebe. Na conceitualização da Gestalt-terapia, a percepção de mundo do sujeito e seu entendimento de si são movimentos correlacionados que, a partir das transformações ininterruptas, estão sempre em processo metamorfo. O viés pelo qual o sujeito experiencia, sente e significa seus mundos internos e externos está em contínua transmutação. O ato de recordar torna-se singular uma vez que as lentes que o sujeito emprega para interpretar estes eventos sofreram mudanças. A cada troca com o meio surgem novas adaptações, o que, no contexto clínico, exigirá do profissional psicólogo uma atuação de presença sensível, intencional e empática, com o objetivo de conseguir navegar junto ao cliente em seu mundo pessoal, fazendo, em conjunto, sentido do mesmo.

A realidade inter-humana é mais do que a soma de suas partes, ela é formada a partir da junção e significação dos dois polos de existência, a *noção do eu* do sujeito

e sua vivência sistêmica (Hycner, 1995). A “noção do eu” é uma estrutura perceptual resultante do movimento de Self no contato com o outro, este em processo ativo e constante de “[...] perceber, selecionar, interpretar, sentir, valorizar, estimar, prever, agir, integrar e dar sentido a si e ao ambiente, mapeando a si mesmo enquanto em ação no campo.” (Frazão; Fukumitsu, 2014, p. 57).

A percepção de mundo do sujeito é uma das instâncias que contemplam a noção do eu. O prisma através do qual assimilo o mundo será o responsável pela interpretação e significação dos estímulos advindos do campo, que por sua vez transformará os critérios pelos quais os compreendo. Essa percepção de mundo constitui-se a partir dos referentes internalizados pelo sujeito, os quais são, por sua vez, significados e estruturados a partir da noção do eu. Há, portanto, uma relação de coemergência entre tais instâncias.

Os ecos, ressoantes dos encontros, mesclam-se às vibrações internas de cada sujeito, amalgamando-se de forma a tornar-se frequência nativa daquele organismo. O ser humano é homeostático, os movimentos de interação entre sujeito e campo transformam a delimitação do que é “eu” em um eterno balanceio. O sujeito, em sua incessante busca por significados, certezas, identidades e estruturas que o separem do não-eu, nunca será uma entidade sólida, ao contrário, é mudança e movimento.

É somente no viver, no experienciar e tornar o indizível sabido, que o organismo desenvolve as ferramentas necessárias para assimilá-lo. Há, entretanto, um paradoxo intrínseco a este processo: o desconhecido só pode ser nomeado e compreendido como tal, quando é percebido e identificado enquanto não-conhecido; é impossível nomear ou delimitar algo que não habitava o campo da possibilidade, logo, descaracterizando-o como desconhecido. Ou seja, a partir do momento que reconheço um estímulo no campo e percebo que não possuo os referentes acerca do mesmo, rotulo esse evento enquanto desconhecido e a partir disso reconheço sua existência, tornando esse estímulo, agora, familiar. O encontro com o estranho impõe ao organismo o deslocamento para que seja feita a reorganização de sua concepção de mundo.

Ao deparar-se com o desconhecido, o sujeito recorre às experiências passadas para assimilar e determinar quais são as possíveis estratégias de manejo da situação, se não há repertório que possibilite uma resposta eficiente a ser aplicada, o organismo se encontrará em desequilíbrio. Sem os instrumentos necessários, é preciso desenvolver novas ferramentas de assimilação. O organismo é compelido a criativamente selecionar e ajustar novas possíveis respostas a esse estímulo ou situação. Inicia-se, assim, um movimento de identificar, discriminar, fragmentar e reconstituir um mecanismo inédito dos repertórios já existentes. Uma vez mobilizada a energia necessária para se regular, a mente guardará a memória deste novo recurso, e o que se configurava enquanto novo ajustamento, agora cristaliza e torna-se mais uma resposta-padrão, passível de ser convocada novamente. Há então a criação de um novo modo de funcionamento organísmico.

Da mesma maneira, o sujeito utiliza de ferramentas e estratégias cognitivas e emocionais previamente internalizadas para enfrentar as situações que surgem em

sua vivência. Quando essas estratégias não podem mais trazer resultados satisfatórios ou funcionais para o sujeito, é necessário que o mesmo se movimente de forma a adaptar seus referentes para corresponderem ao estímulo vigente. A não atualização, o não ajustamento a novos estímulos pode causar sentimentos de inaptidão e resultados considerados disfuncionais por manter o sujeito em um *status quo* que não pode ser mais considerado saudável. Esse movimento de atualização acontece cada vez que o sujeito entra em contato com um estímulo do meio (Hycner, 1995; D'acri; Lima; Orgler; 2007).

Dessa forma, todo contato entre o eu e o não-eu é intrinsecamente singular. Se a cada contato com o meio há uma reformulação da experiência, não é possível repetir impressões, cada sentir e significar é único. Sendo a relação psicoterapêutica em sua essência um encontro entre sujeitos, é possível afirmar que cada sessão terapêutica é particular. Não é possível que ocorram dois atendimentos idênticos, ainda quando há constância de um tema apresentado. Em cada encontro cliente e psicoterapeuta não são mais os mesmos, inevitavelmente transmutados pelos contatos ocorridos entre encontros e sessões.

Ao compreender que o passado concretiza-se somente por meio da vivência do sujeito no presente, como visto anteriormente, a Gestalt determina que cada lembrança é experiência atualizada, ou seja, sua interpretação será atravessada pela conjuntura e funcionamento organísmico atual do sujeito. O encontro entre alteridades na clínica impõe ao psicoterapeuta o desafio de permanecer constantemente presente e disponível para acolher o novo, desprovido de expectativas ou pré-julgamentos, ao passo em que obrigatoriamente reconhece em si um novo sujeito-ouvinte que significará singularmente cada parte do processo (Hycner, 1995).

Torna-se então imprescindível que o psicoterapeuta possua uma autopercepção aguçada, intencional e maleável, para que consiga acompanhar o cliente em cada uma de suas possibilidades. Compreender a presença do contínuo processo atualizante na relação clínica e nas vivências pessoais, cria espaço para o acolhimento das transformações da percepção do psicólogo sobre o cliente e seu mundo. Esse espaço para o inédito evita que o psicoterapeuta se prenda às idealizações ou percepções previamente experienciadas, prevenindo uma intervenção baseada em concepções estagnadas e, muitas vezes, que não fazem mais sentido ou não trazem satisfação ao cliente.

É necessário que as intervenções façam sentido para o cliente, que vê, experimenta e interpreta seu mundo de forma única a cada momento. O indivíduo faz parte de um mundo fenomenológico a partir do qual a sua percepção de si e do mundo mais vale do que a realidade propriamente dita (Rogers; Kinget, 1977).

O contato com o desconhecido, com o não-eu, faz com que o sujeito se adapte ao se transformar, e se transforme ao se adaptar. O movimento contínuo de percepção e saciação das necessidades dominantes, é resposta imediata ao contato. Cada estímulo ou memória compartilhada atravessará, será lida e significada pelo sujeito em sua estrutura presente, sendo o ser de qualidade devir, em sua eterna

inconstância fenomenológica-existencial, este se orienta em contínuo processo de refazer a si mesmo e sua percepção de mundo (D'acri; Lima; Orgler; 2007; Frazão; Fukumitsu, 2015). Esse movimento desafia o psicoterapeuta a desfazer-se de noções fixas e atemporais sobre o cliente e sobre si, permitindo renovar-se a cada sessão.

### 3.2 O mito da neutralidade e o mergulho no outro

No imaginário coletivo, a prática clínica terapêutica fundamenta-se em pressupostos de neutralidade e distanciamento emocional por parte do psicoterapeuta. Essa percepção trabalha a ideia de que o psicólogo se torna um ser imparcial, separado de si, de sua subjetividade, afetos, experiências e perspectivas de mundo, a fim de profissionalmente auxiliar o cliente em seu processo. Há nesse pensamento uma correlação errônea entre profissionalismo e neutralidade. Essa configuração, porém, é incompatível com os pressupostos que fundamentam a Gestalt-Terapia, teoria e prática embasada em relações genuínas. Sendo assim, uma atuação orientada pela impessoalidade profissional do psicólogo não se sustenta em uma prática que concebe o processo terapêutico enquanto mergulho no outro.

Nessa perspectiva, o profissional necessita adotar uma postura voltada para a empatia, escuta ativa e uma presença intencional dialógica, ou seja, o psicólogo deve se disponibilizar de forma autêntica para o encontro com o outro. A relação dialógica, base fundamental para terapia, só pode ser construída quando dois sujeitos se percebem em sua integralidade existencial, quando não há, por ambas partes, um contato performático, cliente e terapeuta se apresentam e enxergam o outro de maneira total e genuína, acolhendo a alteridade que lhes é apresentada (Hycner, 1995).

Na interação entre cliente e psicoterapeuta, e conseqüentemente sua mútua influência, torna-se indispensável a participação autêntica do psicólogo. Promotora da qualidade do vínculo interpessoal que será estabelecido, a autenticidade do psicoterapeuta também é responsável pela estruturação do espaço de confiança e segurança emocional que será o meio onde os encontros ocorrerão. O compromisso com a autenticidade exige do profissional uma profunda compreensão de si e de seu papel nesta relação, impondo uma relação franca consigo mesmo, a fim de reavaliar seus princípios e atuações, analisando a si mesmo constantemente (Achtschin, 2025).

Para uma relação autêntica ser possível, o psicólogo necessita se comunicar abertamente, compartilhando os atravessamentos e sentimentos que surgem ao acompanhar o cliente em sua caminhada. A autorrevelação do psicólogo no processo é inevitável, já que não se pode estabelecer uma relação autêntica de confiança e parceria sem que os sujeitos se posicionem honestamente, ou seja, que dialoguem conscientemente com o outro. Uma relação genuína surge somente quando ambos sujeitos se disponibilizam para troca dialógica no agora, onde os sujeitos se posicionam conscientes de si e abertos ao outro.

Nesse contexto, porém, a genuinidade do psicoterapeuta não se refere à revelação irrestrita de sua subjetividade, mas a uma ação intencional de permanecer presente no processo do cliente, é preciso que o profissional se posicione de forma equilibrada e delibere quando há necessidade de expor seus questionamentos ou inferências. É necessário que o profissional avalie se o compartilhamento de sua experiência pessoal agrega e auxilia no processo terapêutico do cliente e, ainda assim, a comunicação verbal de tais atravessamentos deve ser ponderada para que o profissional não se torne agente protagonista da terapia. Deve-se considerar também que a comunicação em uma relação não acontece somente de forma verbal, a postura, os gestos, tom de voz e expressões faciais são formas indiretas de expressar sua experiência com o cliente (Joyce; Sills, 2016).

Sendo assim, a presença intencional é premissa essencial para a experiência do campo do cliente, é o movimento no qual o psicólogo acolhe a experiência do outro na sua e faz sentido dela. Esse processo empático é o caminho pelo qual o psicólogo acompanha, passo a passo, as significações e atravessamentos experienciados pelo cliente, é o que permite ao profissional compreender genuinamente o outro a partir da visão dele de mundo. É adentrar no mundo do cliente para poder fazer sentido do mesmo. Como bem expressa Hycner:

Essa centralização-no-presente é o que mantém o processo da terapia totalmente vivo. É algo parecido com navegar nas corredeiras de um rio — é preciso estar o tempo todo fluindo junto e respondendo a cada momento às mudanças em andamento (p. 114, 1995).

É no limiar entre o eu e o outro que o psicoterapeuta exerce o esquecer empático de si, é onde cruza a imaginária linha divisória e mergulha de cabeça na alteridade que lhe está sendo apresentada. Parte da premissa psicoterapêutica é o ato de uma presença intencional, essa que exige o abandono, ainda que temporário, de si em favor do mergulho no outro. É o andar lado a lado do cliente enquanto tenta fazê-lo pisando em suas pegadas para que, talvez assim, possa fazer sentido de sua caminhada pessoal e do rumo escolhido. Há, em casos extremos de troca e mescla com o outro, o risco constante de que o profissional sintam-se afogando, perdendo a perspectiva de si mesmo, concomitantemente é somente ao esquecer de si, ao se disponibilizar à frequência vibratória do outro que me arrisco a entendê-lo. A atuação psicoterapêutica exige do profissional uma série de habilidades que necessitam estar em constante aprimoramento, entre elas está uma percepção de si afiada, porém maleável. É necessário que o profissional atravesse constantemente a divisa, suspendendo e afastando-se de si ao adentrar no outro, para poder genuinamente experienciar e fazer sentido de seu mundo. Porém, é fundamental possuir uma percepção de si fortemente enraizada para ser possível transitar no outro sem efetivamente se perder.

O desafio dialético surge justamente da necessidade do psicoterapeuta de suspender sua subjetividade em ordem de ser empático e fazer sentido das vivências do outro, sendo honesto consigo e com o cliente, o que por sua vez só é

possível quando o profissional possui um forte senso de si. É manter-se aberto para a experiência do outro e apreciá-la, porém, mantendo uma autopercepção sólida. A autenticidade expressada pelo psicoterapeuta não somente se torna via de criação de uma relação dialógica, como também favorece e incentiva a exploração emocional do cliente. Nessa perspectiva, adotar uma postura emocionalmente ausente contraria os pressupostos básicos da abordagem gestáltica e impede o funcionamento da própria relação dialógica, o psicoterapeuta necessita estar ciente e abster-se de si continuamente, em um incessante mergulho no outro (Achtschin, 2025). O desafio paradoxal desta situação é o de sustentar e disponibilizar uma autenticidade que requer tanto um self sólido e bem estruturado, quanto a suspensão temporária desse mesmo self.

### 3.3 Princípios de uma atuação gestáltica

São múltiplos os estudos e as perspectivas, dentro da Gestalt-Terapia, sobre a constituição do sujeito, seu papel e presença no mundo, o cerne de sua existência e apontamentos teóricos e estruturações sobre a atuação psicoterapêutica. Apesar disso, é possível coligir, a partir destes retalhos, um direcionamento para um fazer ético gestáltico amplo. Ao analisar os fragmentos que compõem e definem a Gestalt-Terapia, não é surpreendente que uma abordagem ética coerente com esses fundamentos seja uma atuação integrativa e responsável em relação ao outro, fundamentando-se no dialógico. Sendo assim, pode-se questionar quais são os princípios que guiam o gestalt-terapeuta em sua atuação clínica, assim como quais são as referências que orientam essa classe profissional. Além disso, é pertinente contemplar e refletir sobre as complexidades oriundas do entremeio de ambos posicionamentos éticos.

Diversas são as perspectivas que devem ser consideradas para a discussão e definição do que é ética, sendo essa melhor referida então em sua pluralidade e integralidade. Seja colocando-as enquanto residente na responsabilidade existente nas relações entre o eu e o outro, na totalização dos atravessamentos entre indivíduo-espécie-sociedade, ou ainda, nos códigos de ética, esses, normas e princípios voltados para atuação e orientação profissional, as éticas são norteadoras plurais do posicionamento humano em diversas áreas (Nascimento; Vale, 2013).

É na presença intencional que o psicoterapeuta se disponibiliza para o encontro. É pela exposição de sua autenticidade que a relação terapêutica toma forma. A partir do esquecimento empático de si é possível acolher a alteridade do outro e caminhar, lado a lado, no seu mundo. Entre esses e tantos outros posicionamentos, como a troca dialógica e os processos de autorregulação e adaptação, que se fundamentam os princípios da atuação gestáltica. Esses, seguindo os pressupostos da vertente, se constituem de modo integralizador, considerando não só as vivências do cliente, mas também as do psicoterapeuta e, especialmente, as experiências conjuntas vivenciadas na clínica (Nascimento; Vale, 2013).

Discussões anteriores neste artigo trouxeram à luz movimentos realizados na clínica, por parte do psicólogo, enquanto praxe profissional gestáltica, que estruturam o

processo terapêutico no encontro entre sujeitos e na constante afirmação de um espaço emocionalmente seguro. A demonstração de um suporte contínuo para com as demandas trazidas pelo cliente implica em considerar verídico suas visões de mundo e questionamentos, ainda que essas não contudentes com a subjetividade do terapeuta, considerando que é dever deste se suspender, respeitando as escolhas do cliente. Como bem definem Nascimento e Vale,

A ética na Gestalt-terapia se dá através de um inclinar-se diante de, de um expor-se a, de um aprender com escuta cuidadosa, onde o respeito é fundamental. Respeito pela experiência pessoal e singularidade do outro, pela sua capacidade de se auto-significar, de fazer suas escolhas, de criar e recriar sua subjetividade. Esta é a experiência ética por excelência, a de, a partir de sua própria singularidade, reconhecer o outro em sua alteridade (p.160, 2013).

Ainda assim, há de se discutir se há limites para tal suspensão e acolhimento não contestados. O Código de Ética deferido pelo Conselho Federal de Psicologia, em sua terceira edição em 2005, traz como dever do psicólogo ser promotor e defensor da dignidade, igualdade, saúde e integralidade humana, atuando com responsabilidade social de maneira a eliminar quaisquer formas de discriminação, exploração, violência e opressão, independente de seu local de atuação. Sendo assim, levanto, sem pretensão nenhuma de desenvolver uma resposta definitiva, o questionamento “Em que papel se encontra e deve se prestar o profissional que encontra, em seu fazer terapêutico, dilemas eticamente conflitantes?”.

Como traz Joyce e Sills (2016), é possível que o psicoterapeuta se depare com situações nas quais não há aparente resposta que não produza desconfortos ou não ameace o vínculo estabelecido. Considerando a Gestalt uma vertente voltada para construção de significado mútuo e produtora de autenticidade, uma abordagem relacional ética nestes moldes pode considerar como correta aquela resposta ou escolha que irá enriquecer de forma responsável o desenvolvimento tanto do campo, quanto dos sujeitos envolvidos.

Situações hipotéticas que coloquem em embate os direitos do cliente de sigilo e apoio *contra* os direitos de outrem que coabitam com ele, ou ainda situações que promotoras de autonomia para cliente, porém que colocam em risco sua saúde, por exemplo, podem evocar dilemas éticos por parte do psicoterapeuta em razão de como agir e de quais escolhas tomar.

Guiar-se pela ética gestáltica evoca uma maior necessidade de empoderamento e cuidado ao se fazer escolhas e tomar direções na clínica. Se propor a atuar de forma presente, intencional, autêntica e responsável é, por si só, um dilema de difícil, senão impossível, resolução.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A atuação psicoterapêutica fundamentada na Gestalt revela-se enquanto espaço dinâmico de construção mútua, centralizada nas relações dialógicas e em constante

atualização. Ao longo deste artigo buscou-se apresentar alguns dos desafios que o psicoterapeuta pode encontrar em sua prática e como o mesmo é, tal qual o cliente, afetado e modificado pelos encontros e pelo contato com o outro. Assim como traz Branco *et al.* (2017), o fazer humanista e fenomenológico existe somente na disponibilidade do encontro com a alteridade e do cuidar genuíno com o outro, sendo dever do psicoterapeuta estar ciente dos fenômenos presentes em seu campo de atuação àqueles que são afetados por ele.

Analisou-se, em um primeiro momento, a singularidade presente nos encontros psicoterapêuticos enquanto resultado da constante transformação constante que os enfrentam por estarem em contato um com o outro e com o campo. As percepções, referentes, ideais e estratégias são ajustadas constantemente a partir do contato do sujeito com estímulos advindos do campo. Diante deste cenário de constante ajuste, o profissional é convocado a disponibilizar sua presença de forma intencional e sensível, para que possa acompanhar o cliente em suas mudanças e atualizações de perspectiva.

Em seguida foi apresentado e contestado o mito da neutralidade na clínica e o desafio que se apresenta ao profissional que necessita, ao mesmo tempo, oferecer uma presença autêntica e suspender sua subjetividade. A relação dialógica só é possível quando ambos sujeitos se disponibilizam completamente ao encontro e enxergam o outro por suas partes, mas também como ser totalizante. Essa exposição deliberada demanda do psicólogo uma percepção de si bem estruturada, porém, maleável, para que seja possível que o mesmo mergulhe no mundo do cliente sem que perca seu próprio contorno identitário. Tais movimentos são possíveis mediante um vínculo forte e bem estabelecido, esse, oriundo de um encontro verdadeiro entre sujeitos.

Por fim, foram levantados questionamentos sobre a ética da atuação terapêutica, e em especial, uma atuação fundamentada em princípios gestálticos. Evidenciou-se, assim, a fundamentação da clínica na construção dialógica de um campo voltado para o acolhimento, postulando-se de forma responsável, honesta, empática e verdadeira com o outro, sem abdicar das demandas profissionais. Dilemas de tais naturezas são inerentes à atuação, e demandam do profissional uma postura reflexiva, atenta e dinâmica.

Assim, pode-se compreender a atuação do psicoterapeuta enquanto de natureza complexa e multifatorial, moldada pela relação dialógica entre o eu e o não-eu e entre o eu-campo, centralizada na escuta e presença empática. Sendo assim, é impossível desconsiderar o psicólogo enquanto agente e fator implicativo no campo, é necessário, ao pensar sobre a atuação clínica, considerar os efeitos da relação também no profissional. A profissão de psicólogo, independente do campo de atuação, é marcada pela complexidade da própria existência humana, o que a torna local produtor de potencialidade e autenticidade, e suporte para que o outro (re)aprenda, (re)formule e (re)escreva sua percepção de si e do mundo. Como traz Hycner, 1995, p. 35:

No final, mais perguntas que respostas, mais problemas que soluções, mais perplexidade que elucidação, mais preocupações mundanas do que insights profundos. Eis o destino do terapeuta: defender vigorosamente a luta do homem de forma a ampliar os limites da consciência humana.

O terapeuta é, antes de tudo, sujeito presente no aqui-e-agora, experienciando e adaptando-se ao mundo a todo momento. Ao mesmo tempo ele é profissional de atuação ambígua e paradoxal, o que exige do mesmo autoconhecimento e coragem, promovendo crescimento e sensibilidade para que possa reconhecer e acolher as alteridades. A psicologia é a profissão da troca humana, e o psicólogo é aquele que se compromete a ser humano antes de qualquer processo. Acreditar na possibilidade de mudança e adaptação das pessoas, e na relação intencional enquanto via primordial para transformação, são imprescindíveis à qualquer um que pense em se disponibilizar ao fazer psicólogo.

## REFERÊNCIAS

ACHTSCHIN, L. P. Tornar-se Pessoa: um caminho para a autenticidade dentro do consultório. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, [S.l.], v.12, p. 01-20, 2025. Disponível em: <<https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/4135>>. Acesso em 27 nov. 2025.

AMATUZZI, M. M. **Por uma psicologia humana**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2010.

BRANCO, P. C. C.; *et al.* FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO HUMANISTA: REVISÃO SISTEMÁTICA. **Perspectivas em Psicologia**, [S. l.], v. 21, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/38925>>. Acesso em: 29 nov. 2025.

CARDELLA, B. H. P. **A construção do psicoterapeuta**: uma abordagem gestáltica. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**, Brasília, 2005. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 06 de jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Reflexões e orientações sobre a prática da psicoterapia**, Brasília, dez. 2022. Disponível em: <[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/caderno\\_reflexoes\\_e\\_orientacoes\\_sobre\\_a\\_pratica\\_de\\_psicoterapia.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/caderno_reflexoes_e_orientacoes_sobre_a_pratica_de_psicoterapia.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2025.

D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de gestalt-terapia “gestaltês”**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.

FERNANDES, J. M. B.; VIEIRA, L. T.; CASTELHANO, M. V. C. REVISÃO NARRATIVA ENQUANTO METODOLOGIA CIENTÍFICA SIGNIFICATIVA: REFLEXÕES TÉCNICAS-FORMATIVAS. **REDES-Revista Educacional da Sucesso**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 1-7, 2023. Disponível em: <<https://www.editoraverde.org/portal/revistas/index.php/rec/article/view/223>>. Acesso em: 02 set. 2025.

FIGUEIREDO, L. C. Sob o signo da multiplicidade. **Cadernos de Subjetividade**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 89–96, 2018. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38112>>. Acesso em: 17 abr. 2025.

FRAZÃO, M. L.; FUKUMITSU, O. K. **Coleção Gestalt-terapia: A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt**. São Paulo: Summus, 2015.

\_\_\_\_\_. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.

\_\_\_\_\_. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

HOLANDA, A. F. **Fenomenologia e Humanismo: Reflexões necessárias**. Curitiba: Juruá, 2014.

HYCNER, R. **De Pessoa a Pessoa: Psicoterapia Dialógica**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em Gestalt: Aconselhamento e psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MARQUES, F. Os Impactos do Investimento. **Pesquisa FAPESP**, n. 246, p. 16–23, [s.d.]. Disponível em: <[https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2016/08/016-023\\_CAPA-Impacto-ciencia\\_246-NOVO.pdf](https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2016/08/016-023_CAPA-Impacto-ciencia_246-NOVO.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2025.

NASCIMENTO, L. C. S.; VALE, K. S. do. Reflexões Acerca do Fazer Ético na Clínica Gestáltica: um Estudo Exploratório. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt Terapia de Goiânia, vol. 9, n. 2, pp. 157-166, jul-dez 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735519003>>. Acesso em: 29 nov. 2025.

NAUJORKS, C. J. Teorias da identidade e correspondência identitária. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 265-284, abr. 2021. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682021000100016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682021000100016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 abr. 2025.

PERLS, F. S. **Ego, fome e agressão**: uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.

REZENDE, L. M. C. et al. A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NUMA ABORDAGEM QUALITATIVA. **Cadernos da Fucamp**, v. 22, n. 57, p. 96–110, 30 ago. 2023. Disponível em: <<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/3042>>. Acesso em: 04 jun. 2025.

ROBINE, J. M. **Self**: Uma polifonia de Gestalt-terapeutas contemporâneos. São Paulo: Escuta, 2018.

ROGERS, C. R; KINGET, G. M. **Psicoterapia e relações humanas**: teoria e prática da terapia não-diretiva. Belo Horizonte: Interlivros, 2. ed., 1977.

TRISTÃO, K. G.; AVELLAR, L. Z.; NETO, P. M. R. Acompanhamento terapêutico: concepções sobre a prática e setting terapêutico. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 15, 2017. Disponível em: <[https://seer.ufsj.edu.br/revista\\_ppp/article/view/265](https://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/265)>. Acesso em: 05 set. 2025.

YONTEF, G. M. **PROCESSO, DIÁLOGO E AWARENESS**: Ensaios em Gestalt-terapia. 3 ed. São Paulo: Summus, 1998.